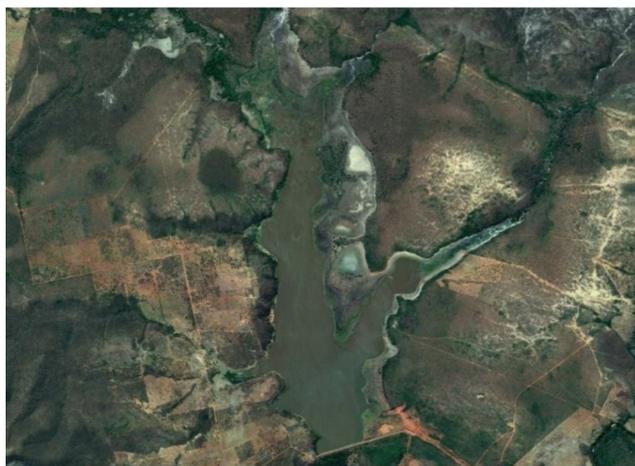




ESVAZIAMENTO DA BARRAGEM DA CAATINGA É TEMA POLÊMICO EM BOCAIÚVA-MG



Imagens da barragem via satélite. 2019. Google Maps.

A barragem é uma das maiores do Norte de Minas e um rompimento corre o risco de atingir até 900 hectares de terra

Por Wallison Victor

Foi noticiado nestas últimas semanas o risco de rompimento da Barragem da Caatinga localizada na comunidade de Engenheiro Dolabela, município de Bocaiúva-MG. Com aproximadamente 1300 metros de comprimento e 20 metros de profundidade, caso a barragem rompa, poderá atingir até 900 hectares de terra. Após receber a denúncia de especialistas ambientais sobre os riscos de rompimento da barragem, o INCRA decidiu esvaziar por completo a barragem, porém recuou visto que poderia causar outros impactos na comunidade,

como deixar a comunidade sem uma segurança hídrica.

A Barragem da Caatinga tem aproximadamente 50 anos, e foi construída na época da Malvina, a primeira fábrica de álcool e açúcar da região, hoje em ruínas. Hoje em dia, a barragem abastece a comunidade Engenheiro Dolabela e as comunidades circunvizinhas. Fornece água para consumo e produção dos pequenos agricultores da região, e ainda mantém o Rio Jequitai nos períodos de seca. Sem a barragem, o rio pode vir a secar completamente em curto período de tempo.

A prefeitura ainda não lançou nenhuma nota sobre a manutenção e recuperação da Barragem, nem como se ela pretende se comprometer com essa questão. Espera-se que a prefeitura assuma a frente na recuperação da Barragem. Dessa forma o povo dolabelense poderá continuar em segurança, com abastecimento produzindo e plantando e o Rio Jequitai continuar seu curso normalmente.

COMUNIDADE TRADICIONAL GERAIZEIRA DO MOREIRA LUTA EM DEFESA DA ÁGUA, DO CERRADO E DA CULTURA LOCAL

A comunidade do Moreira, localizada no norte de Minas, é reconhecida como 'geraizeira' por manter costumes e tradições locais e luta pela proteção do bioma presente na região.

Por Tatiane Mendes Sousa

A comunidade do Moreira, localizada no município de Rio Pardo de Minas-MG, é reconhecida como ‘tradicional geraizeira’ pelos moradores e pelo estado de Minas Gerais. Sua existência se dá há mais de 150 anos, com suas raízes familiares, costumes e cultura. Assim, além dos costumes e da cultura local, características marcantes da comunidade, chama também a atenção a busca pela proteção do bioma local, o cerrado. O termo ‘geraizeiro’, aliás, deriva do fato de que, na localidade, as regiões de cerrado são conhecidas como “Gerais”.



Paisagem da comunidade Geraizeira Moreira. 2019. Tatiane Mendes Sousa.

Há algum tempo, a comunidade sofre com a falta de água, por conta da devastação do cerrado ocasionada pelo plantio desregrado de eucalipto nas nascentes da região. Algumas delas forneciam água à população e, por conta da degradação resultante da ação de uma empresa plantadora de eucalipto, a maioria já não existe mais. Atualmente, apenas uma dessas nascentes ainda abastece parte da comunidade. Ainda assim, esse fornecimento ocorre apenas até certo período do ano e, para suprir a falta d’água em tempos de estiagem, há um poço artesiano, usado de forma consciente pelos moradores.

As principais tradições culturais da comunidade têm base religiosa, sendo que todos seus moradores são católicos. Os mais idosos recordam que essa característica existe desde o início da comunidade, com práticas como a reza do terço nas casas dos moradores e festas como a de São João, além das comemorações natalinas,

que envolvem também a folia de reis Para celebrar a festa do padroeiro, no dia 19 de março, a tradição era rezar o terço e levantar a bandeira de São José.

Outra festa marcante é a de São João, realizada no mês de junho. Tradicionalmente, moradores fazem fogueira, levantam bandeira, rezam o terço em suas casas. Geralmente nesses festejos são servidas comidas típicas, como, por exemplo, caldo de mandioca, canjica, bolo de fubá, biscoito enrolado e quentão. Também é costume da comunidade celebrar o Natal, com novenas, presépios e, posteriormente, com as atividades típicas da folia de reis. Com tudo isso, a comunidade segue buscando também na fé forças para continuar lutando em defesa dos ‘Gerais’ e conservar sua cultura, seu bioma e seus costumes.

CAPIVARI, EM SERRO-MG, PASSA A SER RECONHECIDA COMO COMUNIDADE TRADICIONAL QUILOMBOLA.

Comunidade de aproximadamente 211 anos passou a buscar tal reconhecimento a partir do ingresso de moradores locais na universidade

Por Eni Elizabete Marques Ribeiro

Fundada por famílias compostas por sujeitos que foram escravizados ou descendentes, Capivari é uma comunidade com aproximadamente 150 famílias, 490 habitantes, e com vários atrativos naturais e artefatos culturais. Está localizada no Alto Jequitinhonha, aos pés do Pico do Itambé, a 27 km do município de Serro, no estado de Minas Gerais. No dia 30 de janeiro de 2019, por meio de publicação no Diário Oficial da União, a comunidade então foi certificada como quilombola pela Fundação Cultural Palmares por meio da Portaria n.23/2019.

Mesmo que a comunidade de Capivari tivesse aproximadamente 211 anos, conforme registro feito em uma das telhas da antiga Capelinha de Bom Jesus, fundada em 1808 e um dos cartões postais do local, seu reconhecimento como Comunidade Tradicional só ocorreu após a estudante Grazielle Aparecida de Jesus, nascida

no lugar, ter iniciado o curso de graduação da Licenciatura em Educação do Campo na UFVJM e, a partir de suas vivências na universidade, ter iniciado formalmente a ação de reconhecimento.



Comunidade quilombola de Capivari, com vista para a capela ao fundo. Adão da Conceição.

Essa busca, assim, mobilizou todos da comunidade a lutarem pelo tão sonhado título. Como exemplo de experiência que a vivência universitária proporcionou, vale ressaltar a atuação do programa PIBID-Diversidade na região de Serro-MG em período compreendido entre 2016 e início de 2018 – grupo do qual a estudante fez parte enquanto bolsista – que teve como tema central a noção de ‘educação quilombola’, levando a equipe a se aprofundar nas reflexões sobre o assunto.

No dia 18 do mês de outubro de 2018, a estudante Grazielle convidou o diretor de Políticas para Povos de Comunidades Tradicionais e representante legal da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Agrário, Vandeli Paulo dos Santos para um bate papo com os moradores de Capivari, com o objetivo de se trazer no diálogo um pouco da história local. Vandeli ouviu relatos dos moradores, dentre eles os de estudantes da Licenciatura em Educação do Campo (LEC/UFVJM). A partir dessa conversa, os moradores presentes reivindicaram a nossa identidade quilombola, busca que foi assessorada pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Agrário (SEDA). A operacionalização do processo que culminou na certificação foi intermediada por Vandeli.

O próximo passo previsto é criar uma associação comunitária para procuramos políticas públicas de melhorias para a comunidade. A partir dessa publicação no diário oficial, o município de Serro passa a contar com seis comunidades quilombolas, e as pessoas do lugar podem dizer, com honra, que Capivari faz parte desse grupo de comunidades tradicionais.

NARRATIVAS DE COMUNIDADES MINEIRAS GANHAM REPERCUSSÃO COM PROJETO ‘VÍDEO-CARTAS’.

Vídeo sobre produção de Pimenta do Reino na Comunidade Pratinha, por exemplo, é destaque no You Tube.

Por Mateus Felipe Oliveira.

Ao ser entrevistado em Ataleia-MG, o produtor Ivanildo conta em vídeo sobre o plantio de pimenta-do-reino a partir de sua experiência pessoal. Trata-se de um entre muitos vídeos que compõem o acervo do canal do projeto de extensão e cultura ‘Vídeo-Cartas’, o qual, vinculado à Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), visa à produção de vídeos amadores de curta metragem por e para comunidades do campo. A ideia parte da necessidade de divulgar traços e aspectos tradicionais das comunidades de estudantes da Licenciatura em Educação do Campo (LEC) da universidade.

Segundo Maria Natiele, autora do vídeo e integrante do projeto, sua ideia era mostrar os novos investimentos agrícolas feitos na comunidade Pratinha, município de Ataléia-MG. Com o vídeo, na visão da autora, é possível valorizar os saberes dos produtores e divulgar suas ações e seus conhecimentos. Com sua experiência no projeto, Maria Natiele observa que, ao se fazer este tipo de vídeo ou entrevista, é comum que as pessoas de início afirmem que não sabem nada e, na verdade, como vai ficando nítido no processo, são sujeitos que conhecem muito. A repercussão do vídeo, além disso, mostra o quanto é importante a valorização de saberes tradicionais.

Observou-se, em geral, que houve um retorno bem positivo com relação às explicações de “Vanda”. Para exemplificar, vale ressaltar, por fim, um comentário feito por internauta a respeito das explicações do entrevistado:

“Sr. Ivanildo me apaixonei pela forma que o sr. explica tudo tão direitinho, que maravilha muito obrigado e muito lindo, dá pra ver que o sr. tem muito prazer em fazer o que faz, amei a máquina que você fez pra debulhar a pimenta muito inteligente[...]”

Caso tenha ficado curioso, os vídeos estão disponíveis no canal do projeto no You Tube, basta acessar o link: https://www.youtube.com/channel/UCNXnobbemW0_fyLOYdadpmg.

A INTERNET NO COTIDIANO DE JOVENS DE OURO VERDE DE MINAS

As novas tecnologias modificam algumas práticas dos jovens em relação a gerações anteriores.

Por Tatiane Rodrigues de Souza

A nova era tecnológica, com suas inovações, vem trazendo para algumas comunidades muitos benefícios, como aparelhos para facilitar alguns trabalhos braçais, o acesso a veículos que proporcionam uma maior facilidade de locomoção, remédios desenvolvidos para curar doenças mais complicadas, dentre outros fatores. Em Ouro Verde de Minas-MG, como em diversos outros lugares, o acesso à internet, um compartilhador de rede de dados com ou sem fio, trouxe algumas mudanças na rotina dos jovens da cidade.



O jardim de Ouro Verde, local em que já teve rede de acesso liberada ao público, ainda é um ponto onde moradores vão para usar internet.

Antes de haver as redes sociais na cidade de Ouro Verde, os principais meios de acesso às informações que a cidade tinha era o rádio e a televisão. Dentre outras consequências, o acesso à internet na cidade permitiu a alguns de seus moradores uma visão mais global sobre notícias e acontecimentos do mundo, além de aproximar pessoas que antes estavam distantes e, por isso, incomunicáveis.

Por outro lado, alguns problemas passaram a ser notados, como um uso talvez exagerado de aplicativos e redes como *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram* e *Youtube* em substituição a páticas e brincadeiras de rua mais tradicionais que, hoje, foram praticamente deixadas de lado.

Outra situação recorrente é o desinteresse em relação a conhecimentos tradicionais que antes eram passados de geração em geração. O que chamam a atenção desses grupos são informações, fatos e acontecimentos sobre a vida de pessoas famosas de todo o mundo ou ficar jogando jogos online com diversas pessoas de outras localidades. O interesse nas novas tecnologias pode disputar a atenção dos moradores de uma comunidade frente a acontecimentos e relações locais e presenciais.

JOVEM POETA DE OURO VERDE DE MINAS É DESTAQUE EM LIVRO DE POEMAS DE NÍVEL NACIONAL

Sandra Silva, estudante da LEC-UFVJM, uma das classificadas em concurso promovido por editora nacional, terá seu poema publicado em livro de antologia poética.

Por Emanuela Raymunda de Souza Miranda.



Sandra recitando poema na VI Noite Cultural da LEC (2018) Emanuela Miranda. 2018

A entrevista a seguir traz como destaque a poeta Sandra Ferreira da Silva. A jovem de 21 anos, nascida e crescida em Ouro Verde de Minas, cidade do interior do estado de Minas Gerais, desde muito cedo utiliza os poemas como forma de expressar seus sentimentos. Atualmente é estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEC) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) na habilitação Linguagens e Códigos. Com incentivo de colegas do curso, a jovem poeta se inscreveu em concurso vinculado à Vivara Editora Nacional, cuja premiação consistia em publicar os 250 melhores poemas. Concorrendo com 1812 inscritos, a autora foi classificada com seu poema *Ah essa tal corrupção*, que será publicado em livro de antologia poética da editora. Sandra possui um canal no *Youtube* chamado *Poetizando seu dia*, no qual compartilha suas preciosas poesias com o público. Para saber um pouco mais da poeta, foi realizada uma entrevista, revelando sua trajetória seus sentimentos e entendimentos em relação à poesia. Vamos conferir?!

Emanuela Miranda - Sandra, quando e por qual motivo você começou a compor poemas?

Sandra Silva - Desde de muito cedo já tinha essa tendência a gostar de poesia. Por volta da 7ª série, me lembro que já escrevia. O motivo eu acredito que tenha sido o fato de eu ser uma criança muito retraída, que não tinha muita facilidade de interagir e não me abria para as pessoas ao meu redor, então a poesia era como uma forma de conversar sobre o que eu sentia.

EM - Conte-nos como você soube do concurso, a seleção do poema a ser concorrido, suas expectativas e experiência deste momento importante em sua vida.

SS - Eu soube do concurso por meio de uma estudante da LEC, que me passou o link e ainda me encorajou a participar. A princípio fiquei um pouco receosa, não acreditando na possibilidade de ser classificada, mas, com os incentivos, resolvi participar. Depois de passado um mês e pouco saiu a classificação. O meu nome estava lá. Eram 1812 inscritos e 250 classificados. Eu fiquei muito feliz, afinal era a realização de um

sonho. Meus colegas do curso da LEC me incentivaram bastante, até financeiramente para conseguir pegar 10 exemplares do livro. Esse interesse por parte deles me trouxe uma alegria indizível, pois era meu sonho e ninguém tinha a obrigação de me ajudar, foi muito gratificante o interesse de todos. Irei receber os meus exemplares a partir do dia 14 de março. Não vejo a hora de poder abrir um livro que possui uma composição minha, e quero muito ler os demais poemas que compõem a *Antologia poética*.

EM - Você pretende algum dia produzir alguma obra própria?

SS - O meu maior sonho é ter um livro com minhas composições, depois do concurso eu comecei a acreditar mais que isso pode ser possível, mas não sei ainda qual caminho devo seguir. O meu desejo é estar com ele pronto até o fim do ano, para poder dividir esse sonho com o curso no qual estou graduando, pois foi nele que me realizei em várias questões relacionadas à poesia.

EM - Você poderia deixar um recado para aqueles que possuem um talento, mas por algum motivo o oculta?

SS - São vários os motivos pelos quais a gente às vezes não expõe aquilo que escrevemos, às vezes é o medo de ninguém gostar, a timidez ou talvez o receio de se expor demais pelo fato de a poesia poder dizer muito sobre a gente, dentre outros fatores. Eu nunca me imaginei uma escritora "de verdade" e dá um certo desânimo quando a gente percebe que aquilo que gostamos de fazer dificilmente será valorizado devidamente, mas se tem uma coisa que eu aprendi com a poesia é que ela precisa ser lida, ser ouvida, para ter mais sentido. Isso é arte, um dom que não é dado a muita gente. O que me trouxe até aqui foi o incentivo das pessoas ao meu redor, mas hoje eu percebo que se eu mesma acreditasse mais em mim, talvez já tivesse um resultado maior. É a gente que deve acreditar em nossos sonhos.



PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Por Eliane Maria Gomes Barbosa e Carlos Henrique Silva de Castro

Com diferentes metodologias, faz-se ciências em diversas áreas do conhecimento, de farmácia ou engenharia a letras e artes e por aí vai. O processo de se entender a melhor maneira de se estudar línguas e de se praticar os diversos usos de língua (interação, raciocínio, construção de sentidos, comunicação), em processos de pesquisa com metodologias bem definidas, é o que chamamos de ciência na área do ensino de línguas. No caminho da construção de conhecimento científico, estudantes da Licenciatura em Educação do Campo (LEC) da UFVJM puderam reviver momentos marcantes de suas vidas quando foram convidados a escreverem textos memorialísticos sobre suas experiências de leitura e escrita.

Assim, o livro digital **Memórias de Letramentos: vozes do campo** foi produzido a partir de uma atividade de duas disciplinas da LEC/UFVJM. Em novembro de 2017, o livro digital foi lançado pela Editora UFVJM, com organização dos professores Carlos Henrique Silva de Castro e Luiz Henrique Magnani. A escrita das memórias foi capaz de proporcionar reflexões sobre os diversos momentos com as práticas letradas, essenciais para a formação do professor que se pretende para formarmos cidadãos críticos em nossa sociedade.

A importância desse tipo de trabalho está, antes de tudo, na reflexão sobre a maneira como aprendemos a fim de que entendamos os processos de leitura e produção de sentidos para além do que o senso comum pode entender. A língua e as linguagens estão por todo o canto, estão presentes na comunicação, mas também na construção do raciocínio, dos modos de pensar,

da construção constante de conhecimentos. Por isso, Paulo Freire cunhou a expressão leitura de mundo¹, pois entender os aspectos fônicos, morfológicos e sintáticos é apenas uma pequena parcela de todo o esforço de se fazer uma compreensão eficiente das complexidades que nos cercam. Para muito além das questões estruturais, é de extrema importância, a compreensão daquilo que dominamos e, sobretudo, daquilo que nos domina, das relações, das interações, dos afetos.



Arquivo pessoal dos autores

Esse tipo de pesquisa interessa muito ao professor, mas também ao cidadão comum, como o pai e a mãe de estudantes em qualquer nível que podem e devem acompanhar o desenvolvimento de seus filhos. Esse trabalho interessa às escolas que buscam trabalhar com as orientações educacionais estabelecidas em pesquisas e em leis brasileiras, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, com métodos que proponham a escrita e a leitura com propósito de diálogo com leitores reais e/ou em situações reais de interação. Parece complicado estudar leitura e escrita de forma contextualizada, mas há muitas possibilidades. Vários gêneros podem compor livros artesanais e ou digitais, já que as impressoras hoje em dia são muito mais acessíveis e as plataformas digitais é o que não faltam como a *WikiLivros* e outros. Também pode-se circular os textos em *blogs*, pode-se produzir memes com metáforas para as redes sociais, produzir o jornal ou a rádio da escola etc.

¹ FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 41. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

Quer conhecer mais? Acesse o *e-book* **Memórias de Letramento: Vozes do Campo** com relatos de vários estudantes da LEC/UFVJM que pode ser baixado gratuitamente em <https://acervo.ufvjm.edu.br/jspui/handle/1/1586>.

Um outro trabalho nos mesmos moldes, onde os autores, professores e estudantes diretamente ligados ao nosso curso, propuseram a escrita de gêneros diferentes - como poemas, relatos e causos - para diferentes turmas do ensino fundamental e médio é o livro **Padre João Afonso: traços e laços de uma comunidade do campo**, organizado por Diogo Neves Pereira Hemerenciana Maria da Silva e Maurício Teixeira Mendes. Ele também foi lançado pela editora UFVJM e pode ser acessado e baixado gratuitamente em <https://acervo.ufvjm.edu.br/jspui/handle/1/1759>.

A expectativa é que esse material possa levar à reflexão, à aprendizagem. Caso se inspire e queira fazer um produto parecido, não deixe de entrar em contato conosco.



ONDE ESTÁ O CAMPO NAS JUVENTUDES MODERNAS?

*Por Juliano Gonçalves Pereira**

As Juventudes do/no Campo são diversas e, neste texto, busco refletir sobre uma das inquietações levantadas a partir de minha participação na disciplina Linguagem e Sociedade do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFVJM, na qual, junto ao Professor Luiz Henrique Magnani e aos estudantes, senti-me provocado a pensar o lugar do Campo nas Juventudes Modernas residentes em redes sociais. A atividade prática teve como tema: *Identities e Narrativas no Contexto do Campo*.

Neste tempo presente, onde o smartfone conectado à internet nivelou humanos a cidadãos

e cidadãos em rede, ou a trabalhadores que produzem freneticamente conteúdos que alimentam a nuvem virtual com imagens, vídeos, conversas e sociabilidades ancoradas em comunicações imediatas e relações fluidas, vê-se que essas experiências certificam o que o sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman nomeou de “*Modernidade Líquida*”. Talvez haja um risco em aproximar as Juventudes do/no Campo à ideia de origem, ancestralidade, terra fértil, água fresca, fruto limpo - experiências empíricas coletivas que o virtual não alcança e, às vezes, não valoriza. Por isso aqui as pontuações como marcadores das trajetórias, que mesmo sendo alteradas com o tempo, se identificam no corpo desta Juventude como sinais de uma vivência cada vez mais rara. Não é pretensão polarizar a experiência do Campo com a Cidade tecnológica, até porque, as Juventudes do/no Campo que inspiram esta reflexão transitam, por estes dois mundos, e são o que são, pelos conflitos sociais das travessias realizadas por entre eles.

Acredito sermos resultados das experiências que acumulamos e, por mais que alteremos hábitos, mudemos de perspectiva, religião e de lugar, sendo possível e inclusive juridicamente legal mudarmos de sexo, trazemos em nosso corpo o resultado das vivências que construímos ao longo de nossas vidas. Neste sentido, tomamos decisões difíceis para sermos aceitos e reconhecidos. Alteramos o discurso, mudamos o estilo de vestir, adaptamos nosso corpo, cabelos, forma de andar e falar, para parecermos mais semelhantes ao grupo que desejamos proximidade. Foram vários os momentos em que precisei abandonar as marcas de pertença de norte mineiro para ser respeitado e, muitas vezes, para me proteger; e ainda que esta postura tenha se tornado um hábito, basta um retorno à minha terra natal, uma ou duas conversas com os meus semelhantes, que tudo volta - sotaque, manias - como um chip que, quando plugado, atualiza a minha forma de existir, demarcando o mineirinho do interior de Minas que sou.

Recuperando a provocação do título – Onde está o Campo nas Juventudes Modernas? – talvez seja interessante propor um deslocamento. Será que mais importante que tentar identificar a presença do que estamos chamando de ‘Campo’ nessa categoria das ‘Juventudes Modernas’ não seria refletir sobre as mudanças do Campo na Modernidade, que, por causa da globalização, parece ter se alterado e, assim, exige outras/novas lentes interpretativas? Suponho que a resposta para esta pergunta não se esgote aqui. Talvez como as discussões sobre Juventudes em nosso país, que vem alterando nosso entendimento sobre este tema, o Campo precise ser alterado, não se reduzindo a uma ideia de lugar. Nesse sentido, importa refletir a respeito de conflitos de adaptação necessária para se atender à universidade, ou tantos outros que ainda precisarão ser feitos durante a vida, algo esperado a cidadãs e cidadãos desse novo mundo cibernético. Talvez outras e novas perguntas necessitem ser levantadas sobre este tema, e com o tempo e sorte, consigamos alcançar a potencialidade de um estilo de vida que não nos force abandonar ou perscrutar o que simplesmente vive em nós

ROSA, G. *Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 14ª ed., 1980: 54.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, 2001.

* Juliano Gonçalves Pereira é pai de Ayana Emiliano Gonçalves, Catrumano, nascido no sertão de Guimarães, na cidade de Montes Claros e um apaixonado pelo território mineiro. Tem licenciatura e bacharel em Educação Física e História, cursou mestrado em Relações Étnico-raciais no CEFET/RJ e atualmente cursa doutorado no programa de pós-graduação em Educação da FAE/UFMG.

BOLETIM OLHARES DO CAMPO

4ª EDIÇÃO Abril – 2019

Edição Geral: Luiz Henrique Magnani e Mateus Felipe Oliveira

Edição da Seção ‘No Campo das Ciências’: Diogo Neves Pereira

Revisão: Carlos Henrique S. Castro, Geison B. Silva, José Cláudio L. Nobre, Luiz Henrique Magnani

Assessoria e Comunicação: Maurício T. Mendes, Tatiane Mendes, Tatiane Rodrigues

Saiba mais sobre a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri em
www.ufvjm.edu.br



Siga-nos no Facebook

www.facebook.com/olharesdocampo

FIQUE POR DENTRO!!!!

OLHARES DO CAMPO é um laboratório de comunicação comunitária vinculado à Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM – por meio de aprovação no edital PROAE 10/2018. O projeto visa à produção de textos jornalísticos por e para comunidades campesinas. Você também pode colaborar! Quer saber como apoiar? Entre em contato pelo endereço eletrônico: olharesdocampo@gmail.com